JOGOS E BRINCADEIRAS AFRO-BRASILEIRAS: UMA INICIATIVA PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA NO "CORINA"

Jackson Rodrigues Cordeiro[1], Cíntia Silva de Oliveira[2], Lucas Reis Souto[3], Marcelo Cordeiro de Rezende[4]

[1, 2, 3,] Universidade de Uberaba/Alunos do curso de licenciatura em Educação Física/Escola Estadual professora Corina de Oliveira, [1]jackson2rc@hotmail.com;[2]cintia.educa@outlook.com; [3]lucasreissouto@hotmail.com; Professor supervisor/ Escola Estadual professora Corina de Oliveira, [4]mcr@mednet.com.br

Linha de trabalho: Formação Inicial de professores

Resumo

O presente trabalho tem por finalidade relatar uma experiência desenvolvida com alunos do 6° ano do Ensino Fundamental,em uma escola urbana da rede pública de ensino, na cidade de Uberaba/MG.Ancorados na lei nº 10.639 09, de Janeiro de 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação do Ensino Fundamental e Ensino Médio,oseu propósito centra-se navalorização da cultura negra e na luta contra o racismo e o preconceito, instigando uma reflexão crítica dos alunos por meio de pesquisas, discussões em sala, e através de jogos e brincadeiras afro-brasileiras.

Palavras-chave: Escola pública, Racismo, Cultura, Reflexão.

Introdução

Passamos a integrar, no ano de 2014, o PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, um Programa do Ministério da Educação, gerenciado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que tem como objetivo valorizar o magistério e fomentar a formação inicial de alunos dos cursos de licenciatura em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino.

No âmbito do PIBID/Educação Física/UNIUBE, realizamos semanalmente, reuniões para discutirmos temas relevantes para a formação docente e questões implicadas no cotidiano da escola. Nosso referencial teórico-metodológico se fundamenta na perspectiva da abordagem da Cultura Corporal (NEIRA, 2006), o qual aborda a relevância do estudo das manifestações da cultura corporal no contexto da Educação Física escolar.

Uma vez por semana frequentamos a Escola Estadual Professora Corina de Oliveira, onde colocamos em prática a experiência relatada a seguir. Essa instituição de ensino está localizada na Avenida da Saudade, nº 289, em um antigo prédio construído na década de 1970, no Mercês, bairro tradicional da cidade de Uberaba. Trata-se de uma escola muito conhecida e popularmente denominada como "Corina".

Decidimos desenvolver esse trabalho sobre as questões provenientes do seu respectivo tema após um episódio deplorável ocorrido nessa escola. Tal fato ocorreu quando um professor da disciplina de História do 1º ano do Ensino Médio, suspeito de atos de racismo dentro de sala de aula, se afastou do cargo após manifestação de um grupo de alunos, indignados com as supostas afirmações racistas do professor. O acontecimento polêmico gerou um protesto de passeata com cartazes, por parte dos alunos e seus pais, em frente à escola. Isso fez com que a notícia do acontecimento se repercutisse por toda a cidade de Uberaba e também em alguns sites de notícia.

Prosseguimos com essa decisão por acreditarmos que as discussões tecidas em sala de aula permitem aos alunos analisarem os acontecimentos cotidianos sobre uma nova ótica, com o desígnio de valorizar e contextualizar as manifestações culturais de uma raça, cujos descendentes - segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - senso 2011- constitui cerca de 50% (pardos 43,1% e negros 7,6%) dos brasileiros.

Objetivamos, com a elaboração desse projeto, lutar contra o racismo e o preconceito de forma lúdica, através de jogos e brincadeiras afro-brasileiras. Instigamos a reflexão crítica dos alunos por meio de pesquisas realizadas por eles e socialização das informações que os mesmos encontraram com as mesmas.

Concordamos com Darido e Rangel (2011, p.278) que salientam que a escola pode contribuir com a reflexão e com a formação crítica dos alunos com respeito às diferenças.

> Em cima das diferenças, temos que construir um conhecimento para transformação do futuro, e não podemos deixar a cultura da "elite" sobrepujar outras culturas ditas "inferiores". A discussão, a reflexão, a contestação, os movimentos sociais podem vir a ser meios de transformação social. A escola pode assim contribuir com esta reflexão e a formação critica dos alunos.

O suporte para nossa proposta se estabelece na lei nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003, que determina a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação do ensino fundamental e médio. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira. Infelizmente, essa lei já existe há mais de dez anos e continua muito distante do dia-a-dia da escola.

Procedimentos Metodológicos

Utilizamos como estratégia para o desdobramento deste projeto um planejamento que não se restringiu apenas às práticas dessas atividades de origem africana e afro-brasileira. Vislumbrávamos o aprendizado integral do conteúdo, e sendo assim, se não os colocássemos em contato com o contexto de origem de cada uma das práticas, estaríamos privando-os da história, e dando continuidade àquilo que tem sido base de nossas preocupações: o desenvolvimento de atividades que se limitam apenas ao "saber fazer".

Iniciamos o nosso diálogo com os alunos, explicitando o que tínhamos a propor e o que justificara a nossa necessidade de manifestação por meio daquela atividade. A conversa se estendeu por quase toda a aula. Os alunos ficaram insatisfeitos com a notícia de que as aulas relacionadas às partes teóricas do projeto seriam ministradas em sala de aula. Nesse momento, sabíamos que os alunos estavam habituados a terem suas aulas em quadra e já esperávamos passar por esse confronto.

Paralelamente, a disciplina curricular educação física -no "Corina" - se difere de outras disciplinas por não ser estruturada por sistema de pontuação, não tendo assim o poder de atribuir valores às atividades. Constatamos, infelizmente, que erroneamente esse é um dos fatores que mais fomentam a busca do aluno por conhecimento.

Montamos o projeto partindo da hipótese de que os alunos pudessem se recusar a participar sem que pudéssemos fazer nada, pois a atividade não era avaliativa. Sendo assim, sem que tivessem alguma "vantagem" em participar, porque motivos se preocupariam em fazê-la? Se não tivéssemos o auxilio do professor supervisor, que possui um grande prestígio das turmas, dificilmente obteríamos êxito.

Após justificarmos e esclarecermos o estudo em questão, estabelecermos que já havíamos tomado a decisão, e que, indiscutivelmente, não iríamos retroceder com o estabelecido, seguimos com a divisão dos grupos - de acordo com a quantidade de temas que estruturavam o projeto. Propusemos a eles que os mesmos se encarregariam de dividir os grupos, pois acreditávamos que já possuíam autonomia suficiente para fazê-lo a contento. Os grupos se organizaram da seguinte forma: no 6º ano A montaram 8 grupos com 5 alunos, e no 6° ano B: 7 grupos com 6 alunos.

Demos sequência à atividade, dividindo os grupos pelos seguintes temas:

- O que é Cultura/Cultura Africana?
- Tráfico Negreiro.
- Escravidão no Brasil.
- Quem foi Nelson Mandela? E o que foi o *Apartheid*?
- A história dos Quilombos.
- A história da Capoeira.
- Uma história contendo pessoas negras e brancas.
- Jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras. Como se praticam?

Após dividirmos os temas, explicamos aos alunos que eles deveriam recorrer às fontes de pesquisa das quais dispunham (sendo elas: livros, familiares, professores, ou a internet) e que deveriam se inteirar do conteúdo para que pudessem compreender melhor o conteúdo temático de seu grupo.

Seria mais fácil e rápido, para nós e para o desenvolvimento do projeto, apenas deixá-los sentados nos ouvindo e ministrarmos todo o conteúdo. Dessa forma, gastaríamos assim menos tempo e organizaríamos com mais facilidade todo o processo de construção do projeto. No entanto, acreditamos que se assim o conduzíssemos, tudo aquilo que tínhamos a aplicar poderia não fazer sentido algum. Acreditamos que dessa maneira, aos alunos restaria apenas assumir uma atitude passiva perante o assunto explanado. Por esse motivo nos encarregamos de instruí-los, para que cada grupo realizasse as pesquisas relacionadas ao seu tema, no intuito de despertar neles o interesse pelo conteúdo proposto.

As apresentações ocorreram durante as aulas de Educação Física, no período vespertino, com encontros semanais, às segundas-feiras. As aulas dessas turmas são duplas,

por esse motivo optamos por utilizar apenas a primeira aula para a aplicação do projeto. Apenas em alguns casos, quando as apresentações dos grupos se estendiam um pouco mais, é que utilizávamos as duas aulas.

Por se tratarem de alunos com idades entre 11 e 13 anos, as apresentações de seus trabalhos não atenderam à necessidade de entendimento das turmas, e já esperávamos que pudesse vir a acontecer. No entanto, após a apresentação de cada trabalho, intervimos, explicando novamente o conteúdo e/ou complementando com algumas informações importantes que não haviam sido apresentadas, ou desconsideradas.

Para complementar algumas das apresentações, assistimos - juntamente com as turmas -a alguns vídeos do Youtube. Notoriamente, assim conseguimos atraí-los com mais facilidade. Após complementarmos as explicações sobre o tema, abríamos espaços para um bate-papo informal relacionado ao conteúdo, momento em que as discussões eram tecidas a partir da interação entre nós e os alunos.

Entre todos os temas abordados, o que aparentemente foi mais impactante foi o referente à capoeira. Na apresentação desse tema os alunos destacaram questões relevantes como o seu surgimento, por que surgiu e o porquê do nome “capoeira”. Houve, nesse momento, a explicitação de que houve um período da história em que ela foi marginalizada e a justificativa para esse fato ter ocorrido.

Ainda sobre a capoeira, após encerrarem-se as apresentações em sala, seguimos para a quadra para fazer a prática de alguns de seus golpes elementares. Deixamos bem claro que o que iríamos ensiná-los era o básico, para que eles pudessem ter o mínimo de conhecimento de sua prática e que ninguém sairia da aula sabendo “jogar” capoeira. Apresentamos a eles - de forma superficial - a ginga, alguns golpes de defesa e outros de ataque.

Alguns alunos já tinham certo contato com a capoeira. Esses, nesse momento, nos auxiliaram na aula, interagindo com parte dos colegas que tinham curiosidade de realizar alguns dos golpes que eles já sabiam e se propuseram a ensinar.

Continuamos com as apresentações dos trabalhos em sala, momento em que os alunos ressaltaram a riqueza da cultura negra no Brasil, presente na religião, na música, em danças, na culinária e também a sua influência em algumas palavras da língua portuguesa.

Salientamos a importância do grande líder Nelson Mandela para o fim de um regime de segregação racial (*Apartheid*), que ocorreu na África do Sul, e sua genial estratégia de utilizar o esporte (*rugby*) como um meio para unir povos brancos e negros em seu país.

Por fim, chegamos às apresentações dos últimos trabalhos. Os grupos apresentaram em sala de aula a parte teórica dos jogos e brincadeiras de origem africana e afro-brasileira pesquisados, descrevendo como era praticada cada uma das atividades.

Na sequência, fomos para a quadra e dividimos as turmas em cinco grupos de oito. Em cada um dos grupos havia um aluno "líder", responsável por apresentar àquele grupo uma das atividades. Cada "líder" tinha 15 (quinze) minutos para apresentar a seu grupo como a atividade era realizada. Após os 15 (quinze) minutos, os "líderes" trocavam de grupo e ensinavam novamente a atividade proposta para outro grupo. Ao fim, todos os grupos vivenciaram todas as brincadeiras e jogos propostos.

A responsabilidade confiada aos alunos "líderes" foi fundamental para o bom aproveitamento da aula, pois se tratavam de alunos que apresentavam anteriormente, em outras aulas, problemas disciplinares. Após creditarmos a eles essa confiança, suas participações foram efetivas do começo ao fim das atividades.

Análise e discussão do relato

Tendo em vista os aspectos observados, constatamos que o desenvolvimento desse conteúdo apenas com os escolares não é suficiente, se o que se vislumbra é um impacto imediato na concepção de nossos alunos. Essa temática deveria ser desenvolvida também com os pais e professores desses alunos - sendo eles formadores de opiniões e a maior influência na formação do caráter de uma criança.

Lamentamos saber que tudo isso não passa de uma sugestão utópica, tendo como finalidade a superação das velhas opiniões formadas sem reflexões e sem o menor contato com a realidade do "outro", sendo esse o campo fértil para a propagação do racismo e do preconceito.

De acordo com Neira e Nunes (2008, p. 150-151) o combate ao racismo deve ter lugar não somente nas expressões linguísticas, mas deve ser aplicado nos diversos segmentos:

> [...] a análise do racismo não pode ficar limitada a processos exclusivamente discursivos, mas deve examinar também (ou principalmente) as estruturas institucionais e econômicas que estão em sua base. O racismo não pode ser eliminado simplesmente através do combate a expressões linguísticas racistas, mas deve incluir também o combate a discriminação racial no emprego, na educação, na saúde.

Todo esse processo foi árduo, enfrentamos muitos obstáculos em todo o seu decorrer. O nível de rejeição dos alunos foi altíssimo no primeiro contato que tiveram com o que tínhamos a propor. Eles estavam habituados a realizarem suas aulas de Educação Física exclusivamente em quadra. A constatação de que teriam que assistir e participar de algumas aulas em sala soou como algo muito desagradável para a maioria. Entretanto, essa resistência foi diminuindo gradativamente a cada etapa do projeto.

Aceitar uma nova metodologia pode ser um pouco complicado. Compreendemos todas as indignações por parte dos alunos durante a execução desse trabalho. Constatamos que eles são frutos de um currículo ultrapassado, que ainda se faz presente na escola. Qualquer procedimento metodológico que seja contrário ao que é comumente praticado é, para eles, caracterizado como estranhamento. Novos procedimentos certamente enfrentarão algum tipo de rejeição, o que deve ser encarado como algo comum e esperado. Jamais deve ser admitido como um motivo para desistência de aplicação.

Considerações finais

De modo geral, foi muito gratificante ver a evolução dos acontecimentos. Alguns dos alunos, que no inicio do projeto haviam dito que não queriam participar e que “aquilo” não era aula de educação física, depois de um longo trabalho sobre a construção de uma ideia, já demonstravam algum interesse pelo assunto.

Entendemos que os objetivos desse trabalho foram alcançados, mas que os problemas relacionados ao preconceito dentro e fora da escola, assim como a prática alienada nas aulas de Educação Física, estão longe de acabar.

As mobilizações ainda são muito pequenas, mas acreditamos que, por meio de iniciativas como essa, seja possível disseminar o respeito mútuo ao próximo e o repúdio ao preconceito e a discriminação presente desde sempre em nossa sociedade.

Referências:

Apostila de jogos Infantis Africanos e Afro-Brasileiros, Brincadeiras de Atenção. Disponível em: < Apostila de jogos Infantis Africanos e Afro-Brasileiros> Acesso em 16 de dezembro de 2014.

Brasil Escola, Cultura Africana. Disponível em: <http://www.brasilescola.com/cultura/cultura-africana.htm>Acesso em 16 de dezembro de 2014.

BRASIL**. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Ético-Raciais e para o Ensino de Historia e cultura Afro- Brasileira.** Brasília: MEC, 2004.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola:** implicações para a prática pedagógica. 2. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

G1. Professor abandona cargo após suspeita de racismo em Uberaba**.** Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2014/09/professor-abandona-cargo-apos-suspeita-de-racismo-em-uberaba.html> Acesso em 17 de Dezembro de 2014.

Historia brasileira, Navios Negreiros. Disponível em: <http://www.historiabrasileira.com/escravidao-no-brasil/navios-negreiros/> Acesso em 15 de dezembro de 2014.

IBGE, Brasil 500 Anos. Disponível em: <http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros/a-heranca-cultural-negra-e-racismo>Acesso em 15 de Dezembro de 2014.

IBGE, Sala de Imprensa. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2507> Acesso em 15 de Dezembro de 2014.

NEIRA, Marcos G.; NUNES, Mario Luiz F. **Pedagogia da cultura corporal**: críticas e alternativas. São Paulo: Phorte Editora, 2006.